

**Ecopedagogia: Formação de Professores em Educação Ambiental
por meio de histórias de vida**

*Ecopedagogy: Teacher Education in Environmental Education
through life stories*

*Ecopedagogía: Formación docente em educación ambiental
a través de historias de vida*

Daniele Andréa Pagani

Professora Mestranda, Universidade Brasil, Brasil
dani.pagani17@gmail.com

Denise Regina da Costa Aguiar

Professora Doutora, Universidade Brasil, Brasil.
costaag@uol.com.br

RESUMO

O presente artigo é um recorte da pesquisa desenvolvida no mestrado, ainda em andamento, cujo objetivo principal é investigar a práxis pedagógica, para, assim, contribuir efetivamente por meio de formação adequada aos professores atuantes em rede pública de educação, nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A pesquisa será realizada por meio das histórias de vida resgatadas em sete encontros de ateliês biográficos. Estes, por sua vez, terão como base as narrativas de vida teorizadas por Josso (2004) e Delory-Momberger (2006) e definidas como uma abordagem formativa centrada no sujeito aprendiz. Estes ocorrerão tendo sempre como base a Educação Ambiental Crítica. Alguns dos principais autores citados são: Loureiro (2004), Gadotti (2001), Morin (2011), entre outros. Espera-se, após a conclusão da pesquisa, atingir os objetivos de reflexão sobre as práticas pedagógicas com relação à Educação Ambiental, podendo assim contribuir, de fato, com a formação de cidadãos preparados para os desafios deste milênio.

PALAVRAS-CHAVE: Formação contínua. Educação Ambiental Crítica. Ateliês Biográficos.

ABSTRACT

The present article is an excerpt of the research developed in the master's degree, still in progress, which main objective is to investigate the pedagogical praxis, in order, thus, to contribute effectively through adequate training to teachers working in the public education network, in the early years of Teaching Fundamental. The research will be carried out through life stories retrieved in seven meetings of biographical workshops. These, in turn, will be based on the life narratives theorized by Josso (2004) and Delory-Momberger (2006) and defined as a formative approach centered on the learning subject. These will always be based on Critical Environmental Education. Some of the main authors cited are: Loureiro (2004), Gadotti (2001), Morin (2011), among others. It is expected, after the conclusion of the research, to achieve the objectives of reflection on pedagogical practices in relation to Environmental Education, thus being able to contribute, in fact, to the formation of citizens prepared for the challenges of this millennium.

KEYWORDS: Continuous formation. Critical Environmental Education. Biographical workshops.

RESUMEN

El presente artículo es un extracto de la investigación desarrollada en la maestría, aún en progreso, cuyo objetivo principal es investigar la praxis pedagógica, a fin de contribuir de manera efectiva a través de la capacitación adecuada a los docentes que trabajan en la red de educación pública, en los primeros años de la enseñanza Fundamental. La investigación se llevará a cabo a través de historias de vida recuperadas en siete reuniones de talleres biográficos. Estos, a su vez, se basarán en las narraciones de la vida teorizadas por Josso (2004) y Delory-Momberger (2006) y definidas como un enfoque formativo centrado en el tema de aprendizaje. Estos siempre se basarán en la Educación Ambiental Crítica. Algunos de los principales autores citados son: Loureiro (2004), Gadotti (2001), Morin (2011), entre otros. Se espera, después de la conclusión de la investigación, lograr los objetivos de reflexión sobre prácticas pedagógicas en relación con la Educación Ambiental, pudiendo así contribuir, de hecho, a la formación de ciudadanos preparados para los desafíos de este milenio.

PALABRAS CLAVE: Formación continua. Educación ambiental crítica. Talleres biográficos.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que nosso modelo educacional apresenta hoje urgência quanto à ruptura de paradigmas e, ao mesmo tempo, grande oportunidade de transformação sem a qual torna-se impossível lidar com a reinterpretação que vem sofrendo o conhecimento, que é matéria-prima da educação. Como bem define Loureiro (2004):

A educação é um dos meios humanos que garantem aos sujeitos, por maior que seja o estado de miséria material e espiritual e os limites de opções dados pelas condições de vida, o sentido de realização ao atuar na história modificando-a e sendo modificado no processo de busca de construção de alternativas ao modo como nos organizamos e vivemos em sociedade. (LOUREIRO, 2004, p. 131)

Quando se trata da formação docente na Educação Básica faz-se necessária uma prática efetiva de reflexões e mudanças, uma vez que a cada dia mais a sala de aula torna-se espaço de convivência das diferenças sejam elas culturais, sociais, étnicas, religiosas, de gênero, entre outras.

Nota-se, contudo, grande despreparo por parte dos docentes em como lidar com todas essas novas realidades que lhe são apresentadas diariamente em seu exercício profissional. Esse despreparo para aceitar e lidar com o novo pode ser notado ainda nos cursos de graduação.

Isso ocorre porque estes mesmos docentes foram formados em uma escola que sempre fragmentou o conhecimento e foi (e ainda é) marcada pela divisão em todos os seus aspectos. Como alerta Morin (2011):

Quantos sofrimentos e desorientações foram causados por erros e ilusões ao longo da história humana, e de maneira aterradora, no século XX! Por isso, o problema cognitivo é de importância antropológica, política, social e histórica. Para que haja um progresso de base no século XXI, os homens e as mulheres não podem mais ser brinquedos inconscientes não só de suas ideias, mas das próprias mentiras. O dever principal da educação é de armar cada um para o combate vital para a lucidez. (MORIN, 2011, p. 31)

Faz-se necessário, então, que as pedagogias tradicionais baseadas em competitividade, seleção e classificação sejam superadas, para que se conquiste a formação de um cidadão não apenas mais cooperativo e ativo, mas também alguém que tenha condições de reconhecer-se como cidadão integrante do planeta e de enxergar o mundo com todas as suas potencialidades e possibilidades.

Dessa forma, a única maneira de se alcançar essas mudanças tão necessárias é por meio da formação docente. Esse profissional terá, depois de sua transformação individual, a capacidade de impregnar toda a sociedade com os novos paradigmas, promovendo, então, a formação de, cada vez mais, cidadãos conscientes local e planetariamente.

Esses cidadãos serão capazes de criar estratégias que estimulem a solidariedade, igualdade e inclusão de todos. Tudo isso baseado nos direitos humanos, de forma democrática e

intercultural, o que acarretará uma mudança radical de mentalidade e proporcionará grande avanço na busca por viver uma sociedade sustentável.

Partindo desse pressuposto, o problema de investigação se inicia com a hipótese que a Educação Ambiental aconteça nas escolas, porém de forma superficial e pontual, por meio de projetos (especialmente em datas comemorativas) totalmente desconectados do cotidiano e realidade da vida das crianças. Surgem, então, os questionamentos: Como a Educação Ambiental vem sendo abordada e trabalhada pelos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, na rede pública estadual, na cidade de Ribeirão Pires, Região do Grande ABC, SP? Quais percepções esses professores possuem sobre si mesmos, sobre o meio ambiente e a Educação Ambiental em si?

Considerando esses questionamentos, a pesquisa visa à investigação da práxis pedagógica, para, assim, contribuir efetivamente por meio de formação adequada a esse público, especificamente. Além disso, pretende-se realizar a proposição de projetos formativos em Educação Ambiental em escolas de Educação Fundamental.

Para que tais objetivos sejam atingidos, será utilizada uma abordagem qualitativa com a finalidade de ressignificar a percepção dos sujeitos da pesquisa, todos professores atuantes nos anos iniciais do Ensino Fundamental, buscando suas concepções sobre sua atuação como seres integrantes do todo, porém com uma função específica de contribuir para a formação de educandos no que se refere à Educação Ambiental.

A pesquisa será realizada por meio das histórias de vida resgatadas em sete encontros de ateliês biográficos. Estes, por sua vez, terão como base as narrativas de vida teorizadas por Josso (2004) e Delory-Momberger (2006) e definidas como uma abordagem formativa centrada no sujeito aprendiz. Entre outros aspectos do ateliê biográfico, vale destacar a utilização das mandalas como suporte para as atividades individuais que serão realizadas, intercalando-se com outras no grande grupo, bem como em subgrupos.

A ECOPEGADOGIA E A FORMAÇÃO DOCENTE

O século XX foi marcado pela globalização da economia, da realidade virtual, da quebra de fronteiras, da Internet, ou seja, a era da informação. Por outro lado, todo esse desenvolvimento gerou o que podemos chamar de era de extermínio, em que passamos do modo de produção para o modo de destruição. (GADOTTI, 2000)

As consequências para a vida humana já são sentidas por todos, mas principalmente por aqueles que vivem em situação econômica menos favorável. Desde a década de 90, os modelos de desenvolvimento vigentes vêm sendo estudados e nos legaram uma situação socioambiental insustentável. (DIAS, 2001, p. 95).

Cabe aqui uma importante reflexão: Por que não se consegue interromper esse ciclo, já que está comprovado seu poder de destruição? Faz-se necessário entender que, desde o início da colonização do país, houve, de maneira intencional, o desenvolvimento da ideia de que somos superiores, no que tange à grandiosidade de nossa natureza.

Essa construção de um pensamento ufanista, extremamente ingênuo, foi realizada por meio não apenas de textos importantes, bem como de músicas, desde a Carta de Pero Vaz de Caminha.

Vale destacar, além disso, a importância de se compreender o quanto esse pensamento de pretensa superioridade (dada pela nossa natureza) foi algo realmente construído e planejado por aqueles a quem sempre interessou ter um povo acomodado com as mazelas sociais e políticas, uma vez que vive no em que tudo é grandioso, superior, quando comparado ao Velho Mundo Europeu. (CAMPATO JR., 2018, p. 36)

Um dos problemas desse engano conceitual se dá pelo fato de que tais pensamentos interferem ainda hoje na maneira como nós, brasileiros, lidamos com a questão de nacionalidade, memória e identidade e, principalmente, o quanto essas distorções e exageros podem afetar na construção de um verdadeiro cidadão brasileiro, por meio da Educação Ambiental.

Em meio a essa realidade paradoxal, a escola se vê, então, dividida e, em muitos aspectos, sem saber quais conteúdos são realmente importantes, o que realmente será significativo na formação, se ela não deveria educar para a paz e a felicidade em vez de formar para a competitividade.

Nesse contexto, a educação ambiental vê-se desafiada, então, no sentido de formar cidadãos conscientes da necessária relação intercultural para um mundo mais solidário e democrático. Nessa direção, entra em foco uma educação, seja formal ou não, fundamentada numa visão multicultural crítica, que tem como pressuposto básico o multiculturalismo interativo em vista da construção de sociedades democráticas e inclusivas. (MORALES, 2012, p.88)

Gadotti (2000) afirma que a pedagogia se tornou, hoje, a ciência mais importante, já que seu objetivo principal é promover a aprendizagem. Para suprir as necessidades dessa pedagogia atual, precisa-se de um novo professor, mediador do conhecimento e sempre disposto a aprender, especialmente nos dias de hoje, quando os discentes carregam cada vez mais uma carga de informações que são transmitidas principalmente pelos meios tecnológicos.

Esse novo professor precisa estar preparado para um novo aluno, que se torna o sujeito de seu próprio aprendizado, sendo, então, autônomo, cidadão do mundo e curioso. Aquele estudante que entende que o que vale não é o acúmulo de conhecimento, mas sim sua facilidade em comunicar-se, a prestação de serviços voluntários, a capacidade em adaptar-se a situações novas e em lidar com pessoas. (GADOTTI, 2000)

Quanto a esse aspecto, cumpre ressaltar que para atender às necessidades dessa “nova” escola, entende-se que a pedagogia como promoção da aprendizagem seja o único caminho, sendo a mediação pedagógica “o tratamento dos conteúdos e das formas de expressão dos diferentes temas a fim de tornar possível o ato educativo dentro do horizonte de uma educação concebida como participação, criatividade, expressividade e relacionalidade.” (GUTIERREZ, 2013, p. 64)

Faz-se necessária, portanto, a compreensão do conceito de ‘ecopedagogia’, criado por Francisco Gutiérrez, pesquisador do pensamento de Paulo Freire na Costa Rica. Trata-se, esse conceito, da pedagogia orientada para a aprendizagem do sentido das coisas a partir da vida cotidiana, tendo como objetivo a promoção das sociedades sustentáveis.

A ecopedagogia baseia-se na ideia da “cidadania planetária”, a qual dá sentido para a ação dos homens como seres vivos que compartilham com as demais vidas a experiência do planeta Terra. Logo, trata-se de verdadeiro movimento político e educativo cujo projeto é mudar as atuais relações humanas, sociais e ambientais. A promoção das sociedades sustentáveis e a preservação do meio ambiente depende, de acordo com a ecopedagogia, de uma consciência ecológica e a formação dessa consciência depende da educação.

Para tanto, Gutiérrez (2013, p. 47) nos faz refletir com o questionamento: “Como tornar realidade o perfil dos seres humanos dispostos a promover a cidadania ambiental a partir da dimensão planetária?”. O próprio autor salienta, em seguida, a necessidade de se partir de uma dupla ênfase, para que essa pergunta seja respondida: não apenas da ecologia do eu mas também da ecologia socioambiental.

Aprofundando esse entendimento, Edgar Morin (2011, p. 93) esclarece que “qualquer concepção do gênero humano significa desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentido de pertencer à espécie humana.” Ao que o autor ainda reforça que somente a partir dessa tríade (indivíduo – sociedade – espécie) é que pode emergir a consciência ampla de pertencimento.

... é impossível conceber a unidade complexa do ser humano pelo pensamento disjuntivo, que concebe nossa humanidade de maneira insular, fora do cosmos que a rodeia, da matéria física e do espírito do qual somos constituídos, bem como pelo pensamento redutor, que restringe a unidade humana a um substrato puramente anatômico. (MORIN, 2011, p. 43)

Morin (2011) ressalta ainda o papel da educação como responsável pelo entendimento desses conceitos que acabam por gerar paradoxos como fato de haver tanto a unidade quanto a diversidade humana. O autor diz ainda que a compreensão do humano passa pelas duas esferas, sem jamais separá-las.

Cabe ainda acrescentar, segundo Morin (2011, p. 49): “No nível antropológico, a sociedade vive para o indivíduo, o qual vive para a sociedade; a sociedade e o indivíduo vivem para a espécie, que vive para o indivíduo e para a sociedade.” Essa relação é triádica e permite a compreensão que só podemos nos desenvolver por meio das nossas autonomias individuais, das participações comunitárias, bem como do sentimento de pertencer à espécie humana.

Outra confusão sobre a qual há necessidade de reflexão e mudança é a generalização que pode ocorrer quando falamos do ser humano como indivíduo e como espécie. Loureiro nos alerta para o fato de que apesar de sermos biologicamente iguais como espécies, isso não pode nos esgotar como seres sociais; o autor ainda completa que o humano é “[...] um ser complexo construído pelas relações entre o biológico, o cultural, o econômico, o político e o histórico.” (LOUREIRO, 2004, p. 37)

Pode-se acrescentar que, para tornar possível essa educação a qual se refere Morin como Educação do Futuro, não basta apenas a Educação Ambiental com vistas ao conservacionismo, muitas vezes superficial e até ingênua, e sim uma Educação Ambiental crítica, sobre a qual tratamos nesta pesquisa. Esta, segundo Loureiro (2004, p. 29):

[...] promove a conscientização e esta se dá na relação entre o 'eu' e o 'outro', pela prática social reflexiva e fundamentada teoricamente. A ação conscientizadora é mútua, envolve capacidade crítica, diálogo, a assimilação de diferentes saberes, e a transformação ativa da realidade e das condições de vida.

Para que isso seja possível, há que se acrescentar a importância de uma Educação Ambiental que explore a simplicidade. De que adiantam projetos grandiosos que acabam por ficar apenas na teoria quando, na realidade, é por meio de trabalhos pedagógicos a partir da vida cotidiana que se pode alcançar e suprir a necessidade que o ser humano tem de harmonia com a realidade natural. (GUTIERREZ, 2013).

Além disso, como reforça Gadotti (2001, p. 86): “Não aprendemos amar a Terra lendo livros sobre isso, nem livros de ecologia integral. A experiência própria é o que conta.” Experiências simples como o plantio de uma árvore, o cantar de um pássaro, as estrelas em uma noite escura...

Tal reflexão nos leva a enfatizar também que o homem não se constitui apenas de racionalidade, mas também de outros elementos como a afetividade, a imaginação, a poesia, já que “[...] no ser humano, o desenvolvimento do conhecimento racional-empírico-técnico jamais anulou o conhecimento simbólico, mítico, mágico ou poético.” (MORIN, 2011, p. 53)

Para finalizar tais reflexões, diga-se que para que se possa atingir tais perspectivas no que se refere à Educação Ambiental, há que se compreender que esta “não atua somente no plano das ideias e no da transmissão de informações, mas no da existências, em que o processo de conscientização se caracteriza pela ação com conhecimento, pela capacidade de fazermos opções, por se ter compromisso com o outro e com a vida.” (LOUREIRO, 2004, p. 28)

OS ATELIÊS BIOGRÁFICOS

A fim de atingir os objetivos com relação à formação de educadores, optou-se pela abordagem das Histórias de Vida, uma vez que esta poderia ser qualificada como “a referência das tomadas de posição e dos processos-projetos de formação do nosso estar-no-mundo singular/plural por meio da exploração pluridisciplinar, ou para alguns transdisciplinar, e da sua complexidade biográfica.” (JOSSO, 2004, p. 29)

Considerando o fato de que, já que a formação contempla processos que atuam diretamente sobre nossas identidades e subjetividade, o sujeito deve, então, estar consciente de sua formação e compreender que o domínio de uma aprendizagem experiencial pode proporcionar não apenas o saber-fazer, mas também uma eficaz transformação. (JOSSO, 2004) Cabe esclarecer que o principal objetivo da utilização de Histórias de Vida como parte do processo de formação é “Transformar a vida socioculturalmente programada numa obra inédita a construir, guiada por um aumento de lucidez.” (JOSSO, 2004, p. 58 - 59) Esse objetivo será, de fato, atingido quando houver profunda tomada de consciência, bem como responsabilização do sujeito, para que possa, então, reexaminar suas escolhas futuras.

Isso se dá, uma vez que “[...] nós não podemos ser o que somos a não ser projetando o ser; nós não podemos chegar a nenhuma forma de existência a não ser que estejamos voltados

para nosso possível, a fim de antecipá-lo, de temê-lo, de ceder-lhe, de assumi-lo.” (DELORY-MOMBERGER, p. 364). Ao que a autora ainda complementa, esclarecendo que, por meio das histórias de vida, é possível um processo de formação global do próprio sujeito bem como de sua relação com o saber e com sua formação individual.

Torna-se relevante, além disso, refletir sobre a importância da narrativa, observando-a sob um novo aspecto: “É a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida, é ela enfim que dá uma história à nossa vida: nós não fazemos a narrativa de nossa vida porque nós temos uma história; nós temos uma história porque nós fazemos a narrativa de nossa vida.” (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 363)

A respeito das narrativas a autora complementa, ainda:

“O procedimento aplicado apóia-se sobre duas práticas cuja complementaridade permite compreender a presença do outro e dos outros. Presença esta, ao mesmo tempo pessoal e social, no movimento de reflexividade operada sobre si mesmo: a da autobiografia, do trabalho realizado sobre si-mesmo no ato da palavra que, falada ou escrita, é sempre um ato de escritura de si; e a da heterobiografia, ou seja, do trabalho de escuta/de leitura e de compreensão do relato autobiográfico mantido pelo outro.” (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 368)

É possível compreender a esse ponto que “a socialização da autodescrição de um caminho, com as suas continuidades e rupturas, envolve igualmente competências verbais e intelectuais que estão na fronteira entre o individual e o coletivo. (JOSSO, 2004, p. 39). Isso proporciona, não apenas o desenvolvimento de competências relacionais, mas também múltiplos conhecimentos sobre si mesmo.

A socióloga e antropóloga Josso (2004) compartilha que em suas pesquisas, que contabilizam cerca de duzentas e cinquenta narrativas, foram encontradas quatro buscas principais sobre as quais os participantes das pesquisas afirmaram ter se debruçado ao longo de suas vidas. São elas: a busca da felicidade, a busca de si e de nós, a busca de conhecimento (ou a busca do real) e a busca de sentido. (JOSSO, 2004, p. 88).

Após minuciosa análise de cada uma dessas buscas, a autora conclui que o sujeito deve ter lucidez para buscar “uma arte de viver”, a qual a autora se refere como “busca de sabedoria de vida”, que reúne e integra as outras quatro buscas já citadas. Josso (2004) conclui que a abordagem das “Histórias de Vida” trata-se de grande oportunidade “para que o indivíduo tome consciência dos quatro grandes eixos que estruturam a formação da sua existencialidade.” (JOSSO, 2004, p. 103)

Desse ponto de vista, é relevante acrescentar que:

Formarmo-nos em sabedoria significa pois que, a cada momento de nossa existência, temos de escolher agarrar – ou não – uma oportunidade para exercermos um juízo, uma ação, um comportamento, uma atitude interior, levando em consideração as perspectivas abertas pela procura de articulação das quatro buscas e apoiando-nos nas práticas de desenvolvimento de nossa atenção consciente. (JOSSO, 2004, p. 108)

Josso (2004) deixa claro que a abordagem das práticas formativas por histórias de vida não é a única que possibilita esse desenvolvimento. Contudo o que estas fazem aparecer “é a dimensão socializadora da atividade biográfica, o papel que ela exerce na maneira pela qual os indivíduos se compreendem a si mesmo e se estruturam em um vínculo de co-elaboração de si e do mundo social.” (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 370)

Chegados a este ponto vale lembrar que as narrativas de histórias de vida “usam uma linguagem racional e, na maior parte das vezes, convencional, mas a interpretação narrativa e espontânea do itinerário de vida comporta uma dimensão imaginária.” (JOSSO, 2004, p. 263) Isso nos leva a concluir a importância desse trabalho, já que vivemos em um mundo em que a imaginação é, especialmente no contexto educacional, podada em um sistema educacional que supervaloriza o pensar racional e sua dominância.

As “histórias de formação”, segundo Josso, seriam uma forma de resgatar outros elementos como a afetividade e o sensível, uma vez que estes ainda continuam vivos dentro de todos, apesar de estarem sufocados ou até esquecidos.

Por fim, quanto mais percorrermos o caminho do autoconhecimento, maior a consciência de que somos parte de um todo. Além disso, estaremos nos formando e formando cidadãos que possam ressignificar seu papel, para que possam viver e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e mais solidária.

CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Com o objetivo de tornar a Educação Ambiental mais próxima do que se acredita hoje ser necessário para que se atinja sua real importância, muitos caminhos seriam possíveis. Optou-se, porém, por aquele que remete ao professor como indivíduo, ao seu interior, suas experiências, para que possa, então, contribuir com a formação de crianças e jovens.

Foi escolhido o dispositivo dos ateliês biográficos, por se constituírem em ferramenta que proporciona uma relação dialética entre passado e futuro, proporcionando o chamado espaço de formabilité, que seria a capacidade de mudança qualitativa. (DELORY-MOMBERGER, 2006)

Delory-Momberger (2006) afirma que, por meio do dispositivo dos ateliês biográficos, podemos considerar o relato das Histórias de Vida como uma construção de experiências do sujeito. Além disso, podemos compreender que os saberes internos dos educadores têm papel fundamental na forma como atuam e que sua conscientização proporciona construção de novas relações tanto com o saber quanto com a própria formação.

Como primeiro contato, um questionário será enviado pelos participantes da pesquisa, em que responderão sobre sua atuação como professores, mais especificamente sobre atividades relacionadas à EA. Além disso, as perguntas abordarão suas concepções individuais sobre como se reconhecem diante da ideia de cidadãos do Planeta Terra. Este questionário será respondido em formulário virtual.

Em seguida, serão iniciados os encontros do ateliê biográfico de projeto. Estes totalizarão sete, sendo que o último será apenas para um balanço de todo o processo, bem como possíveis construções de metas para que o grupo possa dar sequência à formação.

Seguindo as etapas definidas por Delory-Momberger (2006), serão realizados os seguintes encontros: a) Primeiro: Apenas para as informações iniciais de como se dará o processo como um todo, bem como para que a pesquisadora alerte os participantes sobre aspectos emocionais que podem surgir quando se realizam atividades autobiográficas, ainda que o

dispositivo não possua, de forma alguma, caráter terapêutico; b) Segundo: Momento em que as regras do projeto são delimitadas e quando cada participante assume o compromisso de contribuir da melhor forma possível; c) Terceiro e Quarto: Nestes momentos são efetivamente realizadas as produções de narrativas autobiográficas, bem como sua socialização d) Quinto: Ocorre, então socialização e reescrita das histórias de vida, por meio de olhares objetivos, como que assiste a um filme; e) Sexto: Momento de síntese, em que os participantes apresentam seu projeto.

Conforme já mencionado, um sétimo encontro ocorrerá para que se possa fazer a conclusão do projeto: já que se trata de uma abordagem voltada para nossa condição humana, o que é essencial, nesse último momento todos os participantes poderão expor os resultados individuais do processo.

COMPREENSÕES INICIAIS

Tomando como base as pesquisas bibliográficas, bem como a elaboração da pesquisa a ser aplicada, espera-se atingir os objetivos de reflexão sobre as práticas pedagógicas com relação à Educação Ambiental. Além disso, entende-se que, por meio dos encontros e práticas dos Ateliês Biográficos, ocorra uma transformação, em primeiro lugar, individual para que assim esta se expanda para uma transformação sociocultural, com o aumento da lucidez dos indivíduos sujeitos da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como refletido ao longo do texto, não há mais tempo que se esperar para que ocorra uma profunda transformação em nossa sociedade, em nosso modo de ver a vida e a existência humana. Não existe outra maneira para que isso ocorra, a menos que seja por meio da Educação, e mais especificamente, a Educação Ambiental, devido ao seu olhar abrangente.

Considerando, também, que não se pode transformar o “macro” sem antes fazê-lo no “micro”, as transformações individuais são as mais urgentes, para que, em seguida, ocorra seu efeito no âmbito social.

Facilmente se compreende que as narrativas de Histórias de Vida permitem, de acordo com as pesquisas realizadas até aqui, que os sujeitos tenham contato não apenas com as suas fragilidades, mas também com seus próprios recursos. Assim, desenvolve-se a sensibilidade, a criatividade, a imaginação, bem como novas perspectivas de trabalho são incorporadas à prática.

Por meio do exposto, pode-se evidenciar que a pesquisa será de grande importância, pois apesar de ainda estar em andamento, já proporciona oportunidades de reflexão e ação com relação à Educação Ambiental, que não pode representar de maneira superficial apenas as questões ecológicas e sim tudo que envolve a vida em sociedade, ou seja, o ser humano em seu ambiente cultural, político, econômico.

Por fim, nada melhor que trazer as palavras daquele que sempre nos ensina com extrema sensibilidade: Cuidar das coisas implica ter intimidade, senti-las, acolhê-las, respeitá-las, dar-

lhes sossego e repouso. Cuidar é entrar em sintonia com, auscultar-lhes o ritmo e afinar-se com ele. [...] A centralidade não é mais ocupada pelo ‘logos’ razão, mas pelo ‘pathos’ sentimento. (BOFF, 2017, p. 149).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

CAMPATO JR., J. A. Natureza e Identidade da Literatura Brasileira: Um Ensaio de Ecocrítica. **Revista Científica ANAP BRASIL**, v.11, n. 22, 2018, p.29-38.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. In: **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 32, p. 359-371, maio/ago. 2006.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental: Princípios e práticas**. 7 ed. São Paulo: Gaia, 2001.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

GUTIERREZ, Francisco & PRADO, Cruz. **Ecopedagogia e Cidadania Planetária**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução José Claudino e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez: 2004.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

MORALES, Angélica Góis. **A Formação do Profissional Educador Ambiental: Reflexões, Possibilidades e Constatações**. 2. ed. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2012.